

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara
CAMÕES, e, VII e 14

CORREIO BRAZILIENSE

Diretor Presidente
Paulo Cabral de Araújo

Diretor Vice-Presidente
Ari Cunha

Diretor Gerente
Evaristo de Oliveira

Diretor de Redação
Luiz Adolfo Pinheiro

Diretor Técnico
Ari Lopes Cunha

Diretor Comercial
Maurício Dinepi

Editor-Chefe
Jota Alcides

Diretor de Marketing
Márcio Cotrim

Diretor de Planejamento
João Augusto Cabral

Volta do crescimento

São bastante convincentes os sinais de que a recessão começa a ceder o passo ao reaquecimento da economia. Universaliza-se o aumento de vendas em setores estratégicos, enquanto as empresas, em número cada vez maior, aderem aos programas de expansão. A indústria automobilística, um dos termômetros mais confiáveis da atividade industrial, já opera com produção superior a 30 por cento em relação ao ano passado, a fim de atender tanto às pressões da demanda externa quanto interna. E de tal modo o otimismo se espalha, que o ministro da Indústria e do Comércio, José Eduardo Andrade Vieira, proclama haver o Brasil retomado o processo de crescimento.

É sintomático do entusiasmo reinante em vastos espaços do empresariado o recente inquérito realizado pelo Instituto Brasileiro de Executivos Financeiros (Ibef). Constatou-se entre os mais de 220 associados da entidade a disposição de investir na ampliação dos negócios nada menos de 240 milhões de dólares. Embora se tenha aí estatística relacionada com um espectro por assim dizer microscópico do universo produtivo, não resta dúvida de que se trata de um indicador bastante significativo em suas projeções matemáticas.

A maior agressividade do comércio exterior ingressa na análise de situação como demonstração de confiança na recuperação econômica. Outra não é a explicação para o saldo de 1.464 bilhão de dólares alcançado em fevereiro na balança comercial, recorde histórico do mês. Do mesmo modo, deve-se interpretar as importações, cujo crescimento manteve paridade percentual com o incremento das exportações.

No Distrito Federal é ostensiva a animação nos meios empresariais, desde o início das obras do metrô, cujo funcionamento, previsto para 21 de abril de 1994, prefigura mobilização de nada

menos de dois bilhões de dólares em investimentos e operações mercantis subsidiárias. Cabe um registro especial, em tal propósito, o início das obras de construção de uma nova fábrica da Coca-Cola, tanto pela expressividade dos investimentos, na escala de 15 milhões de dólares, quanto pela criação de uma fonte tributável da ordem de 500 mil dólares mensais. O efeito social da iniciativa mede-se pela abertura de mais um mil 200 novos empregos diretos.

As evidências, pois, sustentam a convicção de que o País avança, pouco a pouco, no caminho da restauração econômica. Em contra partida, a inflação dá mostras de resistência às medidas saneadoras até agora adotadas pelo Governo. A Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, filiada à isenta e tradicional Universidade de São Paulo, anota tendência de crescimento dos preços para o mês corrente, embora em percentual portador de impacto não significativo. Mas é indispensável raciocinar na base de que a retomada do crescimento poderá frustrar-se mais adiante, caso persista a progressão anormal dos preços.

Posto diante do dilema, parece restar ao presidente Itamar Franco duas alternativas de efeito histórico no tocante à quebra do fator inercial na inflação: eliminar de forma drástica o déficit público e reduzir ao mínimo indispensável a estrutura do Estado. Dentro desse contexto, a política de privatização tem um papel relevante a desempenhar. Só por meio de sua capacidade de atuar diretamente sobre os fatores de desestruturação das finanças públicas será possível alocar recursos para o resgate da dívida governamental e encurtar na medida exata os gastos perdulários da máquina estatal. E de todo indispensável que os sinais de reaquecimento da economia não sejam trocados pelos de uma nova e mais dramática frustração.